

# Concentração deve ser prejudicial

VICENTE NUNES

DA EQUIPE DO CORREIO

**A** forte concentração nas mãos de poucos bancos do crédito consignado — instrumento regulamentado pelo governo em 2004 para baratear os empréstimos no país — está provocando um grande debate na equipe econômica e entre especialistas no assunto. Há o temor de que, com 90% do mercado sob controle de apenas cinco bancos — fato que deve se concretizar com a possível compra do BMG pelo Itaú —, as instituições não se sintam motivadas a oferecer condições mais competitivas aos consumidores. “É preciso muita atenção com o que está acontecendo no crédito consignado. Trata-se de um mercado relevante, que representa mais de 50% do crédito pessoal concedido pelos bancos”, diz o presidente da Consultoria Latin Link, Ruy Coutinho, que já comandou o Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) e a Secretaria de Defesa da Concorrência (SDE).

Nas contas do consultor José Luiz Rodrigues, sócio da JL Rodrigues, Carlos Átila & Consultores Associados, além do Itaú, dominam o crédito consignado a Caixa Econômica Federal, o Banco do Brasil, o Bradesco e a Nossa Caixa. Conforme mostrou o **Correio** ontem, o avanço dos grandes

Jefferson Rudy/CB - 28/7/00



**RUY COUTINHO: CONCENTRAÇÃO É CAUSADA POR CONFLITO DE COMPETÊNCIA**

bancos se dá pela compra do controle acionário das pequenas e médias instituições, pioneiras nos empréstimos com desconto em folha, ou pela aquisição das carteiras de crédito. A mais recente tacada nesse mercado foi dada pelo Bradesco, que arrematou todas as operações do Banco BMC, segunda instituição mais ativa nos empréstimos a aposentados e pensionistas do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), atrás apenas do BMG, alvo do Itaú. Com a aquisição, o Bradesco passou a ser o terceiro maior banco ativo no crédito consignado.

“Infelizmente, esse movimento concentrador está sendo facilitado pelo conflito de competên-

cia entre o Cade e o Banco Central. Os dois órgãos não se entendem sobre o papel de cada um na análise de fusões e incorporações do sistema financeiro. Com isso, a conta acaba caindo no colo dos consumidores, os maiores prejudicados quando a concorrência deixa de existir”, afirma Coutinho. Para ele, é preciso que o governo e o Legislativo incentivem a votação de um projeto de lei que está parado no Congresso desde 2002, definindo claramente as funções do Cade e do BC. Pelo projeto de número 344, o Cade ficará responsável por todos os assuntos referentes à concorrência e ao abuso do poder econômico e o BC, pela análise

prudencial, de forma a garantir a solidez do sistema bancário.

Vice-presidente de Finanças e de Mercado de Capitais da Caixa Econômica Federal, o economista Fernando Nogueira sai em defesa dos bancos. No seu entender, o domínio das grandes instituições no crédito consignado é saudável e só trará ganhos aos tomadores de empréstimos. “Ao assumirem o lugar dos bancos de médio e pequeno portes, as instituições maiores têm condições de oferecer taxas de juros reduzidas e prazos mais longos de pagamento, pois farão operações em grande escala”, assegura. “É visível, hoje, que os pequenos bancos cobram juros maiores porque têm custos maiores. Além disso, está aumentando cada vez mais a disputa entre os grandes bancos por clientes da concorrência. Isso é um sinal de que a concentração não prejudicará os consumidores”, afirma.

No Ministério da Fazenda e no BC, a visão é de que, com a portabilidade (possibilidade de os clientes levarem os seus empréstimos para outro banco se as condições forem melhores), a concorrência será maior. Os técnicos do governo também confiam na força da Caixa e do Banco do Brasil de empurrarem as taxas de juros para baixo. (Colaborou Edna Simão)